

A INDISCIPLINA NA VISÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE MINAS GERAIS

Daniel Gonçalves Cury
Alline Alves de Sousa
Sílvia Maria Cintra da Silva
Liliane Ochoa de Castro

(Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Uberlândia – MG)

Resumo

Este artigo refere-se a uma pesquisa sobre indisciplina realizada em uma escola pública de Minas Gerais. O estudo, de caráter qualitativo, foi realizado com dez professores do Ensino Fundamental, por meio de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de investigar a visão dos docentes sobre a indisciplina, sua existência, a influência da sociedade e da escola, bem como as medidas que estas, juntamente com o setor psicopedagógico, têm tomado e poderiam tomar frente a tal situação. Os resultados mostraram que os entrevistados identificaram a existência de indisciplina por parte de alunos na perspectiva docente; porém, cada professor a percebeu de maneiras e intensidades diferenciadas. Verificou-se ainda que os educadores responsabilizam os estudantes e seus familiares por comportamentos considerados inadequados, desconsiderando a multiplicidade de fatores que envolvem a questão. Diante disso, torna-se essencial a intervenção dos psicólogos no contexto escolar, visando romper com os estereótipos e com as atribuições unilaterais sobre a indisciplina, buscando sempre compreendê-la, entendendo seu significado, analisando sua intensidade e importância no processo educativo.

Palavras-chave: Indisciplina; professores; Psicologia Escolar; Ensino Fundamental

Abstract

Indiscipline from the View of Teachers at a Public School in the State of Minas Gerais

This article refers to a research about indiscipline held in a public school in the state of Minas Gerais. The study, which is of qualitative character, was made with ten teachers of Elementary School through semi-structured interviews with the aim to investigate the view of teachers about indiscipline, its existence, the influence of society and the school, as well as the measures which the latter along with the psychopedagogical sector, has taken and could take facing the situation. The results have showed that the interviewed identified the existence of indiscipline from the part of the students in the perspective of the teacher; however, each teacher has perceived it in different ways and intensity. One has still verified that the educators make students and their families responsible for behaviors considered inadequate, not considering the multiplicity of factors which the question involves. Before this fact, it has become essential that psychologists in the school context, viewing to break with stereotypes and with unilateral attributions about the indiscipline, always searching to understand it, its meaning, analysing its intensity and importance in the educational process.

Key-words: Indiscipline; Teachers; School Psychology; Elementary School

Introdução

A indisciplina se apresenta como uma das grandes preocupações dos professores, técnicos e pais acerca da escola brasileira, ainda que o assunto seja superficialmente debatido, tornando pouco claros os conceitos sobre seu significado (Franco, Apolinário & Pereira, 2009). A temática, que tem sido enfaticamente divulgada pelos meios de comunicação (Cunha, Valentin, Lisboa, Monteiro & Xander, 2009), é percebida pelos professores como uma das principais dificuldades presentes no exercício docente (Penna, 2010).

Inúmeras escolas se preocupam com essa situação e uma escola pública de Minas Gerais solicitou uma parceria com a área de psicologia escolar da Universidade Federal de Uberlândia na busca de lidar com a indisciplina dos seus alunos. O convite para a parceria gerou uma pesquisa, na qual investigamos a indisciplina na escola pautando-nos na visão dos professores relativa a seus alunos em sala de aula. Partimos do princípio de que como a realidade da escola se mostrava muito mais complexa e contraditória do que os discursos a respeito dela seria preciso confrontá-la com

elementos provenientes do próprio cotidiano escolar (Martins, 2003).

De acordo com Souza (1997, citada por Tuleski, Eidt, Menechinni et al, 2005), quando o tema é indisciplina escolar deve-se considerar que sua conceituação muda de acordo com as exigências de cada um, e estas variam, podendo ser altíssimas em muitos casos, impedindo que os alunos as atendam de forma adequada. Além disto, a autora diz que ao termo indisciplina outros podem ser associados, como distúrbio ou desvio. Percebe-se assim uma naturalização da disciplina que não leva em consideração que, nesse processo, tanto para que o indivíduo se desenvolva como para o desenvolvimento da própria sociedade, fazem-se necessárias transgressões e agressividades, pois esses componentes são inerentes ao ser humano, como afirma Souza (1997).

Rego (1996) diz que estamos longe do consenso de ideias referentes à indisciplina, pois o assunto é complexo encerra uma multiplicidade de interpretações e que o conceito de indisciplina é dinâmico, não universal e nem uniforme. Esse conceito, para ela, está interligado com expectativas e valores que variam no decorrer da história, e numa perspectiva inter e intracultural, variando

inclusive nas diversas classes sociais, instituições e até mesmo dentro da mesma camada social ou organismo.

No plano individual, a autora afirma que a indisciplina pode ter diferentes sentidos que vão depender das vivências de cada sujeito e do contexto de aplicação. Decorrendo disso, os padrões de disciplina nos quais as formas de educar as crianças e jovens estão pautadas e os critérios utilizados na identificação do comportamento indisciplinado se diferenciam no interior da dinâmica social e se modificam ao longo do tempo.

Uma das visões a respeito da indisciplina considera que questionamentos, inquietações, discordâncias, desatenção e conversas dos alunos são suas manifestações, em contraposição à docilidade, tranquilidade, silêncio e passividade pretendida. Pode-se perceber que essa perspectiva é severamente criticada por Foucault, que a considera como domesticadora e que visa dominar o corpo e a alma. Sobre isso, Foucault (1987, p. 143, citado por Santos & Souza, 2005, p. 294) afirma que “o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção

tornem visíveis aqueles sobre quem se aplicam”.

Dessa maneira, a partir das reflexões desse autor, podemos perceber que se estabelece um critério de normalidade a partir do qual busca-se reprimir os desvios por meio da coerção, o que dá origem a uma educação massificada, padronizada e que não leva em consideração as individualidades e as diversidades culturais. Assim, enfatiza-se demasiadamente as avaliações e os resultados como se fossem um reflexo fidedigno do aprendizado, o que não se configura como uma realidade, e ainda, como afirma Souza (1997), a escola trata os alunos como “seres escolares”, ao enfatizar somente a racionalidade, promovendo assim, uma cisão entre a ludicidade e o conteúdo escolar, contribuindo para afastar o interesse dos alunos.

No campo da educação existe ainda outra visão que apreende a indisciplina como uma limitação e enquadramento, uma vez que considera a elaboração de parâmetros e definições de normas como cerceadora da participação, da espontaneidade, da liberdade à crítica e do crescimento do aluno (Aquino, 1996). Esta visão de disciplina apregoa que todas as regras e normas viventes na escola devem ser “quebradas”, ignoradas ou então,

abolidas. Assim, de uma forma direta, acaba por considerar a indisciplina escolar como algo sadio, uma virtude, sob a defesa de que a “coragem de ousar” é algo que vai contra a tirania presente no contexto escolar e por isso, deve ser praticada pelo aluno para seu desenvolvimento crítico.

Esta visão de disciplina como sendo algo cerceador da criticidade e da liberdade do aluno recebe críticas, sendo algumas delas voltadas para a ideia de que ela pode levar ao que Rego (1996) chama de “tirania às avessas”: uma condição na qual o processo educacional fica submetido às vontades e determinações dos alunos.

Além das ideias apresentadas anteriormente sobre a disciplina (ou indisciplina), outra visão deve aqui ser apresentada, visando maior exploração e aprofundamento do estudo de tais temas. Tal perspectiva, por sua vez, defende que em uma sociedade complexa como a nossa, as regras e normas são fundamentais para o norteamo das relações e do convívio social. E, sendo assim, a escola como parte formadora da sociedade não poderia se estabelecer e se orientar sem a criação e o cumprimento das normas por partes dos elementos que a compõem. Vistas dessa maneira, as regras deixam de ser apreendidas como limitadoras e passam a ser consideradas como fundamentais para o funcionamento da escola, principalmente se considerarmos que não somente

coragem de ousar, mas também a internalização e a obediência – fundamentais para o convívio social – são determinantes para o desenvolvimento de atitudes autônomas e libertadoras no indivíduo. Segundo este paradigma, o educador deixa de ser visto, unicamente, como aquele que exige o cumprimento de regras para limitar e punir, e passa a ser visto como aquele que educa, que estabelece limites e oferece parâmetros (Aquino, 1996).

Na educação voltada para a autonomia do pensamento, o respeito às regras deve surgir após a reflexão recíproca sobre elas para considerá-las justas ou não (Araújo, 1996). Assim, a disciplina passa a ser vista como objetivo a ser trabalhado e alcançado pela escola, enquanto a indisciplina, como um desrespeito tanto aos professores quanto aos colegas, uma vez que o não cumprimento de uma regra se configura como uma desobediência aos acordos firmados. Além dessas diferentes visões acerca do tema indisciplina, nas definições dos professores, conforme Cunha et al (2009), também se notam categorias com focos distintos, sendo as mais utilizadas o comportamento, a motivação e a aprendizagem. Dessa forma, o indisciplinado pode ser o aluno que não respeita regras de conduta, mas também aquele desinteressado ou que não aprende.

No mesmo estudo, considerou-se como um progresso a observância de que os professores, em geral, conceituaram o disciplinado como o discente que participa no momento adequado, salvo alguns que se pautaram na passividade do aluno.

Em um estudo desenvolvido por Franco et al (2009) a respeito do entendimento sobre a indisciplina na escola por parte dos sujeitos envolvidos no ensino-aprendizagem afirma-se que, para professores, ela está vinculada à ausência de estrutura psicológica moral que desprepara o jovem para a convivência em ambientes regrados.

Uma gama de fatores é referida como contribuinte ou, em visões mais reducionistas, como determinantes únicos da indisciplina. Dentre esses muitos fatores alegados pelos educadores com relação à indisciplina, pode-se tirar proveito das ideias de Rego (1996) que afirma que muitos professores vêem a indisciplina como um “sinal de tempos modernos”, voltando-se para o passado com certo saudosismo à ausência de desobediência e inquietação, mas que na realidade poderia ser um excesso de despotismo e coerção.

Fazem parte ainda do discurso dos professores a atribuição de responsabilidade pela indisciplina às relações familiares, como bastante enfatizadas por Aquino (1996), à sociedade

como um todo e à mídia. Outra atribuição refere-se a uma percepção que considera o aluno como sendo o principal responsável por ela. Trata-se do que Aquino denomina “aluno-problema”. Diante de tal percepção, corre-se o risco de tomar como natural algo que é socialmente construído, desconsiderando toda a história social da constituição do humano, numa visão reducionista que restringe os fatores que contribuem para a indisciplina aos “distúrbios psicopedagógicos”.

No entanto, Blasco (1997) alerta para o perigo de se rotular e generalizar os adolescentes, criando uma visão preconceituosa, pois apesar de ser uma etapa que envolve certas especificidades e certo padrão de características, ela não é vivenciada por estes da mesma maneira. Dessa forma, os professores devem se atentar para o fato de não aceitar sem maiores reflexões a indisciplina como uma característica inerente da adolescência.

Para compreender a questão da indisciplina, faz-se necessária uma leitura do contexto mais amplo da sociedade, da escola e da família – para a qual a perspectiva histórico-cultural é de grande relevância – com objetivo de envolver as relações sociais que se fazem presente nesses contextos, e que, portanto, vieram sendo construídas nas experiências escolares.

Segundo Dayrell (1996), a falta de disciplina na sala de aula e a percepção que os alunos têm das aulas e dos conteúdos trabalhados, são frutos da própria cultura escolar. Esse autor afirma que os alunos formulam estratégias na tentativa de “suportar a ‘chatice necessária’ das aulas” (Dayrell, 1996, p. 157), sendo que estas estratégias se referem às conversas e brincadeiras.

Também para Eccheli (2008), a indisciplina pode se derivar da falta de motivação dos alunos frente a conteúdos e metodologias que não colaboram para aprendizagens expressivas ou diante de problemas nas relações desses sujeitos com os professores. Werneck (1987, citado por Eccheli, 2008) concorda com a relação entre indisciplina e ausência de motivação, concluindo que o aluno considera os conteúdos das aulas inúteis ou não entendem sua serventia por estarem desvinculados da realidade dele. Essa desmotivação do aluno, segundo Franco et al (2009), pode ser um sinal da incredulidade do jovem não somente relacionada à escola, mas ao futuro que o mundo adulto lhe apresenta, com valores efêmeros e afastados da moral e da ética.

Esta autora aponta um paradoxo no qual a indisciplina pode ser gerada ou acentuada pelas posturas dos professores adotadas com a intenção de disciplinar. Seguindo este mesmo raciocínio, Vinha

(2009) expõe em seu artigo intervenções de professores para tentar lidar com os conflitos interpessoais presentes nas salas de aula que considera inadequadas. Estes são evitados, contidos ou ignorados por serem percebidos como negativos e danosos, mas poderiam ser aproveitados para trabalhar valores e regras.

Vinha (2009) afirma que um terço das aulas dos professores é direcionado à administração desses conflitos. A princípio, os docentes buscam evitá-los utilizando-se de regras, controle e vigilância para conquistar a obediência. Quando o conflito ocorre, usam os mecanismos de contenção transferindo o problema para outros, buscando soluções prontas ou utilizando o medo da autoridade, punição, repreensão e perda do afeto, mecanismos estes que funcionam de imediato, mas aumentam o problema. Para Araújo (1996), a repressão é funcional somente quando os alunos indisciplinados têm medo da autoridade, o que exclui os casos nos quais o temor e o afeto não existem nas relações.

Conforme Vinha (2009), outra direção tomada pelos professores frente ao conflito é ignorá-lo tomando-o como algo sem importância ou brincadeira própria da idade quando não envolve o professor, o que contém a “mensagem subliminar” de que as autoridades, e não as pessoas em geral, devem ser respeitadas.

Muitas vezes os professores mostram uma visão reducionista acerca da indisciplina, responsabilizando apenas o aluno e sua família pelo baixo desempenho dos discentes, o que determina a culpabilização de apenas um indivíduo (o aluno, em geral) por uma questão que envolve o sistema de ensino.

Objetivos e Metodologia

A presente pesquisa surgiu a partir da demanda de uma escola de Minas Gerais de construir uma parceria a área de psicologia escolar da Universidade Federal de Uberlândia visando investigar a possível existência de indisciplina na escola e, em caso afirmativo, como esta se configurava nos diferentes segmentos da instituição. Este trabalho, especificamente, pretendeu investigar a visão dos professores sobre o tema, sua existência, a influência da sociedade e da escola, bem como as medidas que estas, juntamente com o setor psicopedagógico, têm tomado e poderiam tomar frente a tal situaçãoⁱ.

O percurso metodológico da pesquisa, de cunho qualitativo, pautou-se em observações nas salas de aula, recreio, aulas de Artes e de Educação Física; espaços como a sala dos professores, horários de entrada e de saída das aulas, com base em um roteiro previamente

elaborado. A partir das observações, cada pesquisador também desenvolveu um Diário de Bordo, onde relatou suas percepções sobre o que foi visto na instituição. Também foram realizadas entrevistas em áudio com 10 professores do Ensino Fundamental, por meio de um roteiro semi-estruturado que levantou diversas questões sobre o temaⁱⁱ.

Deve-se ressaltar que consideramos a pesquisa qualitativa a mais adequada para responder às perguntas iniciais propostas no projeto, pois ela permite a análise tanto da subjetividade dos sujeitos envolvidos, quanto do contexto em que estão inseridos (Bogdan & Biklen, 1994). Sendo assim, considera-se sua importância à medida que, segundo Neves (1996), compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas objetivando entender uma gama complexa de significados, visando, portanto, traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social.

Principais Resultados e Discussão

A instituição pesquisada está localizada em uma região próxima ao centro da cidade; abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental (até o 9º ano) e a Educação de Jovens Adultos, e conta com aproximadamente 930 alunos e

um quadro de cerca de 120 servidores, dentre eles professores, direção, equipe pedagógica e setor psicopedagógico.

As observações e entrevistas possibilitaram diversas análises a respeito da indisciplina na escola; porém, nos limitamos a alguns aspectos que consideramos relevantes para o espaço deste artigo. Em geral, os entrevistados identificaram a existência de indisciplina dos alunos; a falta de limites dos pais transmitida na educação; a influência exercida pela sociedade por meio, dentre outros, de programas de televisão voltados para o público jovem que contribuem para a ideia de que a escola é um local aberto a tudo que os alunos queiram fazer e salientaram a relevância da atuação dos psicólogos na tentativa de melhorar o problema.

A indisciplina escolar é comumente definida como a falta ou negação de um comportamento desejável (Xavier, 2002). Muitos entrevistados acusaram “*falta de algo*” nos alunos com problemas disciplinares: de limites, de atenção, de organização do material, de material, de higiene, de respeito às regras, aos valores, aos colegas e aos professores. A maioria dos docentes alegou a presença de indisciplina na referida escola; entretanto, uma entrevistada afirmou que o grau de ocorrência de comportamentos indisciplinados é menor quando

comparado a outras escolas nas quais já trabalhou.

É interessante ressaltar que, mesmo havendo um consenso entre as pessoas entrevistadas de que existe indisciplina na instituição pesquisada, cada professor percebeu-a de maneiras e intensidades diferenciadas. Para alguns docentes, a indisciplina é tida como um fenômeno generalizado na escola, sendo um processo inerente ao processo educativo, já outros consideraram que essa atitude não é generalizada em todos os alunos. Além disso, uma professora, em específico, não considera a indisciplina de todo ruim, visto que é um fenômeno natural, arraigado à disciplina, isto é, uma não existe sem a outra.

Esses resultados podem estar relacionados com o fato de a percepção acerca da indisciplina ser, segundo Rego (1996), complexa, dinâmica e não universal. Constatamos nas entrevistas que não há um consenso sobre esta temática; então, para cada professor a indisciplina assume um sentido peculiar. Tal ideia é verificada é apresentada por uma das entrevistadas, ao afirmar que se tem buscado coletivamente uma solução para o problema da indisciplina na escola, mas que, segundo ela, “*não se tem encontrado uma saída, porque existe uma diversidade de subjetividades que acaba dificultando encontrar uma saída em comum*”.

Podemos ainda citar outra entrevistada que compartilha essa visão, afirmando que o que é considerado indisciplina pra uma pessoa pode não ser para outra, isso depende do significado, da importância que cada um concede a esse fenômeno.

Uma professora entrevistada relatou que a indisciplina é o não reconhecer os limites e as funções de cada momento, sendo que os alunos não têm delimitado este momento na escola,: *“A sala de aula raramente é um momento de estudo. É um momento de brincadeira, eles continuam na sala o que estavam fazendo lá fora”*. Esta afirmação vai ao encontro da ideia de que a brincadeira perde sua conotação e ganha um novo significado quando ocorre na escola, um contexto no qual só a racionalidade é admitida, assim como afirma Sousa (1997).

Pode-se perceber que os sujeitos pesquisados consideram a indisciplina, sobretudo, como uma forma de conduta inadequada para o contexto escolar e vários professores não apresentam uma postura totalmente contrária às brincadeiras e às conversas, mas só repudiam tais comportamentos quando ocorrem em momentos e na intensidades inadequadas. Esta ideia foi expressa nos relatos de três professoras que foram questionadas sobre a consideração de conversa como manifestação de

indisciplina, o que foi acompanhado por uma resposta negativa.

Essa visão está de acordo com a concepção de indisciplina trazida por Aquino (1996), que se refere ao desrespeito e à intolerância aos acordos firmados, dentre outros aspectos e que não admitem os questionamentos e perguntas em si como comportamentos indisciplinados, mas apenas quando estes excedem os limites, desrespeitando a opinião e sentimentos alheios.

A atuação de uma das professoras entrevistadas foi surpreendente no sentido de deixar implícita uma visão mais adequada concernente à indisciplina. A didática observada durante a sua aula (de Matemática) foi excelente, sendo que os alunos eram, de fato, incentivados a fazer as equações que lhes eram passadas e que, a nosso ver, foram tomadas como desafios. Tal dinâmica pode ser analisada tendo-se como base as ideias de Souza (1997) que menciona a cisão entre o estudar e o brincar como contribuinte para o afastamento do interesse do aluno pelos conteúdos escolares. Essa aula parece ir em direção contrária, vinculando o estudar e o brincar. Os alunos estavam empolgados para fazer as equações, e pediam mais tempo à professora antes que ela desenvolvesse os sistemas na lousa. Vários estudantes chamavam a professora para

pedir ajuda, perguntavam ao colega o resultado, discutiam as equações, sendo que um deles até se levantou e dirigiu-se à carteira de uma colega para saber como ela havia conseguido fazer uma das equações, o que provocou um debate que durou alguns minutos.

Dessa maneira, o que poderia ser tomado como indisciplina por outros professores, ganhou espaço em tal aula e estimulou os alunos, que comemoravam quando acertavam os resultados das equações e lamentavam quando isso não ocorria. Um dos discentes disse num tom alto que iria desistir e a professora fez o seguinte comentário “*Desiste mesmo... quem desiste não aprende...*”, buscando fazer o aluno refletir sobre sua postura.

Em contraposição, alguns professores observados adotam uma posição mais rigorosa, falando de modo mais ríspido com seus alunos e não tolerando inquietações, o que pressupõe uma visão, ou, pelo menos uma atuação inadequada, por não se voltar para a construção de uma interação professor-aluno que possibilite o aprendizado.

Pode-se observar que exercícios repetitivos e maçantes, tais como a cópia, ainda são características marcantes do ensino na escola pesquisada, assim como a ênfase nos resultados. Isso pode ser ilustrado por meio da atuação de uma professora que, ao ser avisada sobre a

existência de dois exercícios repetidos a serem realizados pelos alunos, disse-lhes para fazer um deles com as próprias palavras, mas ao ser questionada por um aluno falou, então, para que copiassem igualmente as repostas, afirmando que “*escrevendo se aprende*”. Esta mesma professora, na segunda aula observada, diz, com entonação brava, que os alunos não estão se preocupando em estudar, pois as provas não foram boas, acrescenta que pensou que eles se sairiam bem e que não sabe como conseguiram errar questões feitas em sala. O que ela não conseguiu refletir é que talvez eles tenham errado justamente pela ênfase dada à cópia.

Com relação ao ambiente físico, diferentes opiniões surgiram entre os integrantes do grupo. Uma das percepções corresponde a uma boa iluminação, limpeza, ventilação e tamanho de uma das salas que comportava vinte e dois alunos, na qual foram realizadas observações por um dos membros do grupo. Um bom exemplo dessa visão se refere ao Laboratório de Ensino Aprendizagem de Matemática, uma sala específica com seis janelas, seis mesas com quatro cadeiras, um quadro negro de bom tamanho e bem conservado, um ventilador, prateleiras, armários, além de diversos artefatos, tais como, uma grande régua de papel presa à parede com números destacados, cartazes em forma de flores com frases escritas,

dentre elas “Lixo é na lixeira”, livros, objetos de madeira, flores de papel, mural com números coloridos compondo contas de adição, divisão, multiplicação, entre outros.

Mas, apesar de considerar o ambiente físico, em geral adequado, a mesma integrante do grupo afirma que esta sala é grande, mas há dificuldade para andar entre as mesas que ocupam muito espaço e que em outra aula a professora fala para um deles se virar para a frente, entretanto este é alto e diz que não tem como se virar para frente devido ao seu tamanho, o que mostra a inadequação da carteira àquele aluno.

Outro problema observado por alguns integrantes do grupo se refere ao barulho de outras salas atrapalhando as aulas. Explicando melhor, notou-se, em algumas ocasiões, que dentro das salas que estavam sendo observadas se escuta bastante o barulho de salas vizinhas, as conversas, risadas e até mesmo as vozes de professores que ministram em salas ao lado são escutadas, o que, muitas vezes, faz as pessoas da sala observada confundirem se aquele barulho vem de fora ou se parte de conversas internas à mesma. Esta questão foi considerada prejudicial ao bom convívio dentro da sala de aula, visto que pode levar o professor a atribuições incorretas de indisciplina, pois ele pode se

incomodar com o barulho supondo que este é interno ao ambiente de sua sala de aula, sendo que é externo.

Os estudos que demonstram que os professores tendem a responsabilizar os alunos e sua família pelo mau desempenho foram confirmados nas entrevistas feitas com os docentes, pois a maioria foi partidária da opinião de que os discentes e seus familiares são os responsáveis pelo insucesso acadêmico. Neste sentido, um dado que se destaca pela importância de ser trabalhado é a ausência de percepção dos professores como sendo também responsáveis pela indisciplina de seus alunos na sala de aula, o que pode contribuir para a ineficácia das medidas implementadas. Tal fato pode ser confirmado na fala de uma docente que afirma que a indisciplina é resultado da extrema tolerância que os pais têm com os filhos, o que faz com que eles não saibam a diferença entre o certo e o errado. Diz ainda, que os pais não apóiam mais a decisão dos professores; ao contrário, chegam a se orgulhar quando o filho “responde” para a professora. Ressaltamos que essa entrevistada, mesmo quando questionada sobre a possibilidade de outras influências no comportamento dos alunos que levassem à indisciplina, continuou se referindo à falta de limites dos pais na criação dos filhos como causa principal.

A percepção de não responsabilidade sobre a indisciplina dificulta a avaliação dos professores com relação à influência que a sua atuação exerce sobre o desempenho do aluno e conseqüentemente interfere negativamente na busca de maiores conhecimentos sobre o assunto e de alterações de condutas consideradas inadequadas. Algumas professoras demonstraram lidar com a questão focando o aluno como principal responsável e justificando suas atitudes, em alguns casos, por meio de problemas biológicos ou psíquicos. Outro exemplo de psicologização e rotulação por parte dos docentes refere-se à visão apresentada por alguns deles com relação aos adolescentes, vendo-os como naturalmente mais indisciplinados, considerando que as alterações e mudanças são inerentes à adolescência e contribuem para esse tipo de conduta. Tais compreensões podem contribuir para a internalização dessas rotulações pelos discentes, confirmando a “profecia auto-realizadora” (Rosenthal & Jacobson, 1981). Neste sentido é relevante a afirmação de Aquino (1996, p. 3):

Na verdade, os tais ‘alunos-problema’ podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional. O que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema, para que se possa, na medida do possível, equacioná-la,

suplantá-la – o que se oportuniza a partir das demandas ‘difíceis’ da clientela.

A questão sobre a atribuição de indisciplina é de relevante interesse, pois deixa um espaço livre para que as respostas se apresentem de acordo com os aspectos de que entrevistados são capazes de se lembrar e que, provavelmente, são, por eles, considerados mais influentes na ocorrência da indisciplina. Em relação às contribuições da sociedade para a indisciplina escolar, podemos ressaltar que os professores, em geral, destacam uma falta de limite, com ênfase no papel da família para o ensino de valores morais e éticos, na participação e entendimento da escola como espaço coletivo e da parceria entre os mesmos. A mídia também aparece como importante fator da sociedade que contribui para a indisciplina escolar.

Uma das professoras entrevistadas afirma que tudo que afeta a sociedade é refletido pela escola. Ressalta a importância da consideração da instituição como um espaço coletivo e dos pais como sendo ignorantes no que se refere a esse espaço; além disso, acredita que, por ser um “todo coletivo”, a pessoa mostra determinados comportamentos que não são apresentados individualmente e isto faz com que os pais culpem a escola pela indisciplina, em muitos casos, o que

acreditamos que pode afastá-los de uma reflexão mais profunda a respeito da complexidade do tema e de uma real consciência de seu papel com relação à temática. Ela acredita que a escola é o reflexo da sociedade e da cultura.

Pensando em aspectos culturais, outra entrevistada afirma que os valores, hoje, tanto morais quanto éticos, estão “*em falta*” na nossa sociedade, pois tudo é muito permitido, possível, não existe mais preocupação e ensino de limites. Para exemplificar essa questão ética, a professora afirma que hoje se preocupa muito com a corrupção do governo, mas acredita que a preocupação maior deve referir-se à conduta individual; olhando para dentro das nossas próprias casas saberemos como estão nossos valores, pois poderemos observar claramente se o que pagamos a quem trabalha conosco em nossa própria residência é devidamente anotado na carteira, o que pode exemplificar quais são nossos valores éticos.

Da mesma forma, ela afirma que muitos alunos sabem que não podem mascar chicletes, mas burlam esta regra, e dizem que todo mundo o faz. As pessoas seguem os valores daqueles que as cercam, deixando aquilo que é correto de lado e tendo justificativa no outro para tal comportamento. Ela acredita que a

sociedade influencia tal questão, pois a escola não está excluída do contexto social, e sim inserida na sociedade, e constantemente influenciada pela mesma, dentro de uma conjuntura; a responsabilidade também está na escola, e afirma que seria importante para melhorar essa situação de indisciplina que toda instituição, da Educação Infantil ao Ensino Superior tivesse uma proposta ética e moral de trabalho, não no sentido de impor regras, mas de discutir conceitos de solidariedade, justiça, amizade, companheirismo e de comunidade. Para a docente é uma questão que envolve o macro poder, com os governantes e organizações sindicais e comunitárias, mas que cada um pode fazer a sua parte, trazendo a sua contribuição pessoal.

Um dos entrevistados faz uma reflexão, comparando o tempo em que cursou a mesma série em que dá aulas, e acredita que alunos com perfil comparável ao dele (em seus tempos de estudante) tiveram seu comportamento relativo à indisciplina agravado por fatores sociais, que ele denomina como “*falta de limites*”, estendida à escola, universidade e até mesmo ao seu próprio cargo. É interessante essa observação de si mesmo que o entrevistado faz neste momento, pois a atribuição de indisciplina não se faz somente ao aluno, mas ao próprio

professor, que também precisa mudar seu comportamento nesse aspecto.

Partindo para as ideias de outra professora entrevistada a respeito das contribuições da sociedade para o surgimento da indisciplina, podemos observar uma atribuição do comportamento indisciplinado como sendo fruto de um trabalho conjunto que envolve a família, o próprio aluno, a escola e a angústia dos estudantes em relação à aula e à matéria exposta. Ela relata que encontra muita resistência por parte dos alunos em relação a sua disciplina, que é inglês. Essas reflexões são interessantes, pois a professora pensa em uma série de fatores causadores da indisciplina, e não somente em um fator isolado; acreditamos que uma visão mais ampla a respeito do tema/problema apresentado poderá permitir uma maior identificação das causas e possíveis soluções.

Outra professora relaciona diversos fatores à indisciplina, sendo que o primeiro refere-se à falta de autoridade dos pais para educar seus filhos, que são colocados em “*hoteizinhos*” precocemente. O que se destaca nessa resposta é a consciência da entrevistada com relação à interferência da atuação dos professores nessa questão, trazendo consigo a ideia de que “*a criança se torna muito perdida*” por não saber a quem obedecer diante de variados professores que, previsivelmente, possuem

formas diferentes de entender, impor ou ensinar os limites. A professora coloca, ainda, a mídia como um fator contribuinte para essa falta de limites, destacando a influência de programas que têm os adolescentes como público alvo. Sua postura, como professora, bem como de seus colegas, do diretor e dos pais é que interfere demais na indisciplina dos meninos. Para ela, os alunos são muito perdidos, eles não sabem a quem seguir, pois recebem diferentes orientações. Além disso, a mídia fornece outra interpretação de escola (como por exemplo, na série de televisão *Malhação*, muito assistida por adolescentes), onde a escola é um lugar em que tudo é permitido, e onde se deve fugir daquele que reprime comportamentos considerados inadequados de acordo com as regras da escola. Outra entrevistada também cita o mesmo programa voltado para o público adolescente, em que há divulgação de um modelo ideal de escola e um padrão de beleza que não condiz com a realidade. Assim, defende que, por causa de programas como estes, os jovens tendem muito a fazer rotulações, citando ainda casos de racismo e preconceito na escola.

A mídia também está presente em outras entrevistas, em que as professoras acreditam que esta colabora para a indisciplina, trazendo elementos atraentes e fazendo com que a escola dificilmente se

torne atrativa para os alunos. Outra questão apontada por uma professora refere-se à padronização dos comportamentos observados na mídia, afirmando que o Brasil é grande, mas a realidade expressa nas novelas é aquela do Rio de Janeiro.

Em uma resposta a esta pergunta, uma entrevistada afirma que a escola está tomando consciência a respeito disso e tentando modificar-se, e uma das medidas tomadas para que isto ocorra efetivamente é alertar os pais, o que já tem sido feito. Ela afirma também existir hoje, na educação, um comportamento permissivo, ou seja, se permite tudo, o que se faz tão prejudicial quando a proibição de tudo.

Em consenso com os demais entrevistados, uma entrevistada nos diz que normalmente a sociedade tem contribuído, por meio da tecnologia, onde a existência e o acesso fácil à internet, filmes na televisão e vídeo game faz com que as aulas pareçam desinteressantes, o que torna a “competição” entre professores querendo dar aula e sociedade do entretenimento desigual. A sociedade se volta ao consumo, e o shopping, por exemplo, é muito mais atraente para os alunos do que a escola em si.

A respeito do que a escola tem feito para lidar com a indisciplina, pudemos observar algumas visões interessantes. Nas entrevistas aparecem as respostas: na

escola existem setores especializados para onde se encaminham os estudantes para a psicóloga, por exemplo, para que os alunos sejam disciplinados e os limites sejam impostos; as condições de trabalho e os incentivos escassos do estado colaboram para uma falta de motivação da escola, no sentido de que os professores não buscam a transformação no sentido do que acreditam; projetos têm sido desenvolvidos nas escolas, e professores têm organizado seus sindicatos coletivamente; as várias atividades feitas com os alunos, no sentido de conter a indisciplina, não apresentam resultados positivos; a escola está tomando consciência, tentando alertar os pais, por turma e por alunos específicos, conversando com os alunos, suspendendo quando necessário e buscando a modificação no que se refere à indisciplina.

Uma professora afirma que o critério básico para conseguir-se disciplina por parte dos alunos gira em torno da avaliação, onde fica o controle maior da escola sobre os alunos, sendo uma forma mais eficaz de lidar com a indisciplina, o que não funciona eficazmente com todos os alunos, já que avaliações e indisciplina coexistem em uma mesma instituição. Outra docente aponta a existência de fóruns de auto-avaliação e de discussão na escola na qual a pesquisa realizou-se que, infelizmente, segundo ela, funcionam

apenas no momento em que acontecem, mostrando-se insuficientes, o que demonstra a necessidade de incrementos.

As respostas para a questão referente ao que a escola/sociedade tem feito para lidar com a indisciplina demonstram que os olhares dos entrevistados se voltam em larga escala para a sociedade, embora não haja unanimidade em relação à efetividade com que ela lida com a indisciplina escolar.

A sociedade é vista, nas entrevistas, como aquela que atribui as responsabilidades de resolução de problemas à escola, e como aquela que se retrai quando a escola mostra os problemas, como drogas e violência, não participando efetivamente. Outra visão demonstra que a sociedade é vista como aquela que contribui para que haja indisciplina na escola, sendo a própria sociedade indisciplinada e uma rara ocorrência de punição nesta dificulta a aplicação de penalidades na escola. De acordo com tal compreensão, a sociedade e a família não educam no sentido vinculado à moralidade, e esta tarefa acaba por ser cumprida pela escola.

Uma professora que está de acordo com esta visão faz um relato interessante que demonstra a introjeção de modelos de relações sociais que são, então, repetidos no contexto escolar. Ela afirma que na sociedade existem situações tais como

aquelas ocorridas entre policiais e criminosos, em que um deseja manter a ordem e o outro deseja eliminá-la, lógica que se repete na sala de aula, onde há identificação de um aluno com o outro, e assim, quando alguém burla determinada regra na sala de aula, os outros que não conseguem cumpri-la, apóiam a transgressão e querem seguir tal exemplo.

Além dessas afirmações, outra professora relata a pesquisa sobre a indisciplina como uma iniciativa para se trabalhar ou, ao menos, entender a indisciplina dentro desta escola, afirmando que pensar nisso, nesse fenômeno, já é uma forma de lidar com ele e isso é satisfatório ao ensino, à educação. Ela também ressalta outras pesquisas importantes para entender a indisciplina, citando os estudos da UNESCO sobre violência. Segundo ela, é preciso considerar a indisciplina como inserida num contexto, na qual um fenômeno está atrelado a outro, por isso, cita ainda os estudos sobre violência e família, considerando o todo no qual o fenômeno está inserido.

Para os professores entrevistados, em geral, a escola não tem imposto práticas efetivas e suficientes para conseguir solucionar o problema da indisciplina. Por isso, eles quase sempre se referiram a essa problemática com falta de perspectiva e falta de esperança com relação à mudança de conduta dos alunos.

Apesar dessa perspectiva pessimista dos docentes sobre a ação da escola frente à indisciplina discente, muitos professores sugeriram algumas formas para solucionar a situação; dentre elas, as sugestões que mais se repetiram foram: a realização de congressos que abordem este tema, a revisão de toda a prática pedagógica e a reflexão do papel da sociedade para com a indisciplina.

As entrevistas de um modo geral demonstraram que os professores, de modo específico, tentam conter a indisciplina por meio do estabelecimento de acordos com seus alunos; no entanto, as mesmas revelaram que na maioria das vezes esses acordos não são eficazes, pois os alunos não demonstravam uma mudança de atitude. Contudo, pôde-se observar uma significativa diferença quanto à maneira como cada um firmava esses acordos com os alunos.

Dentre as diversas estratégias utilizadas pelos professores podem-se citar os diálogos, a concessão de gratificações aos alunos disciplinados, a imposição de regras rígidas e até mesmo a ameaça aos alunos indisciplinados. Verificou-se por meio das entrevistas que, embora os alunos participassem ativamente na construção do regimento da instituição, os professores consideram, de uma maneira geral, que eles permanecem cometendo atos

indisciplinados, desrespeitando as regras que foram desenvolvidas por eles próprios.

Outro fator observado nas entrevistas realizadas foi que freqüentemente os professores entrevistados consideraram que a prática do setor de psicologia da escola é, na maioria das vezes, voltada para casos particulares e individuais mais sérios, que requerem uma intervenção mais efetiva. O psicólogo é visto como o profissional que só auxilia quando é preciso mandar aluno pra fora, quando a situação em sala de aula está impossível e há necessidade de reunião com os pais do mesmo.

A partir das entrevistas, pode-se perceber que as educadoras consideram que o setor de psicologia deveria passar por algumas mudanças com a finalidade de se atingir uma atitude mais efetiva frente à indisciplina dos alunos.

Ainda sobre a atuação do setor de psicopedagogia, os relatos das entrevistas demonstraram satisfação dos professores em relação ao que está sendo realizado. Muitas vezes, tanto o setor de apoio psicopedagógico, como a coordenação acadêmica responsável por orientar alunos e professores são vistos como simples forma de punição aos comportamentos indisciplinados dos alunos, ocultando sua verdadeira finalidade de conduzir a reflexões acerca da indisciplina e outros

fatores que abarcam a relação professor-aluno. De fato, essa é uma questão que merece ser trabalhada nesta escola, a fim de que o real objetivo destes setores seja alcançado.

Dessa forma, nota-se que há boa aceitação destes setores pelos professores desta escola, porém foi percebido certa cobrança para que algo mais seja feito. Uma professora, em específico, relacionou a presente pesquisa, ou ainda, a atitude de se realizar uma pesquisa dentro da instituição como uma forma de atuação da psicologia, e também do setor de psicologia da escola, como uma significativa atuação e auxílio às questões escolares e, mais especificamente, à indisciplina. Assim, pode-se considerar que é perceptível, dentre os professores, a atuação do setor de apoio psicopedagógico dentro da instituição, mas revela-se ainda importante o constante evoluir, visto que muito ainda há de ser feito em relação às questões educacionais.

Considerações Finais

A forma como os vários elementos da sociedade (professores, técnicos, pais e alunos) apreendem as causas da indisciplina influencia substancialmente no desenvolvimento do processo educativo na escola e nos modos de compreender e lidar com a (in)disciplina. Tal influência se dá

na medida em que entendemos que nossas atitudes diante da indisciplina se basearão na forma como interpretamos esta questão.

A indisciplina pôde ser percebida, no decorrer desta pesquisa, como relativa à percepção de cada pessoa integrante no processo educacional. Segundo os relatos dos professores entrevistados, foi possível perceber quão variável se faz a conceituação, a intensidade e ainda, a relevância da indisciplina na escola. Sendo assim, cada docente estabelece uma importância e uma visão sobre tal processo, porém, a maioria o percebe como um entrave ao bom rendimento escolar, visto que considera, essencialmente, que atitudes indisciplinadas dos alunos prejudicam significativamente o rendimento em sala de aula, mas, ainda sim, é importante ressaltar que houve exceções, pois em alguns relatos a indisciplina não foi considerada essencialmente negativa, pois ela também tem uma característica instigadora, inovadora, sinal de que o aluno questiona, quer mudanças e isso se faz importante no ambiente educacional para o desenvolvimento deste.

Foi possível perceber nas entrevistas que a maioria dos professores atribui a indisciplina à sociedade, mídia, família e aos próprios alunos, sendo que a atribuição também a eles próprios pelo “mau” comportamento de seus alunos foi

praticamente inexistente. Diante disso, é fundamental que tal compreensão possa ser ampliada, pois é necessário considerar tal fenômeno a partir das deferentes instâncias que o envolvem a questão, visto que a relação professor-aluno é essencialmente dialética e o processo educativo relacionado à sociedade em que se efetiva.

Outro fator observado foi a rotulação de alguns professores em relação a determinados alunos, o que, como pôde ser percebido, gera preconceito, estabelecendo-se como um fator significativamente prejudicial ao bom relacionamento professor-aluno, à medida que impede a oportunidade do professor lidar com seus alunos considerando também suas potencialidades, e incentivando-os. Sempre que se estabelece um rótulo em algum aluno, o professor prejudica sua forma de percebê-lo em suas capacidades, visto que o rótulo se constitui como algo imutável, prejudicando e não incentivando os assim estigmatizados.

Foi possível perceber, que é necessária uma resignificação do setor psicopedagógico no que se refere aos seus objetivos, que consistem em contribuir com a promoção de debates e reflexões sobre o tema da indisciplina, nos atendimentos a alunos, professores e famílias, com o objetivo de possibilitar maior entendimento sobre si e do outro,

respeito às diferenças e promoção da autonomia. Assim, é possível compreender a importância de se desenvolver um trabalho da psicologia nesta escola, utilizando-se de toda a gama de possibilidades que esta área oferece ao âmbito educacional.

Dessa forma, a partir das análises, pôde-se delinear algumas contribuições do psicólogo escolar na instituição educacional e, também como sugestão à escola pesquisada, cabe aqui uma reflexão acerca do papel deste profissional tão importante na Instituição, tendo como objetivo promover a qualidade do processo educacional. Levando-se isso em consideração, deve-se discutir o rompimento com o modelo clínico de atuação dentro das escolas (Souza, 2007), uma vez que este modelo sustenta os processos de culpabilização dos alunos, pela psicologização e patologização dos problemas educacionais, dando ênfase, portanto, à adaptação dos indivíduos à escola. É necessário então, que se dê mais ênfase ao crescimento e desenvolvimento dos alunos, professores e demais atores escolares.

A intervenção deste profissional deve possibilitar o “pensar junto” com os alunos e professores as práticas que estigmatizam e excluem, uma vez que, considerando o insucesso escolar, que é

uma queixa freqüente, ou as rotulações feitas, e que produzem esses mesmos efeitos excludentes, deve ser compreendido no conjunto de relações institucionais, históricas, psicológicas e pedagógicas.

Disso advém a necessidade de considerar que o objeto de avaliação não é o aluno, mas o contexto em que a queixa em relação a ele surgiu e esta, por sua vez, precisa ser entendida como um processo produzido nas condições sociais, nas histórias escolares, nas práticas pedagógicas, nos mecanismos institucionais e nas relações que se encontram cotidianamente nas escolas. O psicólogo escolar precisa adotar uma abordagem que lhe possibilite compreender a instituição em sua complexidade, atento ao fato de que o conhecimento produzido acerca da realidade é tecido, localizado, historicizado e construído coletivamente.

Diante de todo o exposto no decorrer desta pesquisa, entende-se que a psicologia pode atuar, portanto, junto com os professores para desenvolver um olhar crítico sobre tais ações, pois, mais do que descumprir regras, a indisciplina pode significar um rico manancial de

informações sobre como os alunos vivem a escola e seus conteúdos. Escapar ao controle é uma forma de questioná-lo, minando as relações de poder univocamente estabelecidas.

É importante, por fim, romper com a ideia de aluno idealizado, desenraizado das condições concretas de existência que explicam seu comportamento indisciplinado. A construção de novas formas de sociabilidade e de educação, assim como a própria construção do conhecimento, só é viável se o trabalho em sala de aula experimentar uma organização coletiva, o que se fundamenta, por seu turno, em projetos sociais compartilhados e adequado respaldo institucional. O educador deve oferecer-se para o aluno como referente, afinal, se há alguma coisa que os educadores podem dar, realmente, a seus alunos, são eles mesmos. Daí a importância que romperem-se os estereótipos, as atribuições unilaterais sobre a indisciplina, buscando sempre compreendê-la, entendendo seu significado, analisando sua intensidade e importância dentro do processo educativo.

Referências

- Araújo, U. F. (1996). Moralidade e indisciplina, uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In Aquino, J. R. G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas* (7 ed., pp. 103-115). São Paulo: Summus.
- Aquino, J. R. G. (1996). A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In Aquino, J. R. G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas* (7 ed., pp. 39-55). São Paulo: Summus.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (M. J. Alvarez, S. B. Santos, T. M. Baptista, trads.). Portugal: Porto Editora.
- Blasco, J. P. (1997) Un revisión de la idea da adolescencia como etapa crises y turbulencia (pp. 142-150). *Aportaciones VII Congreso INFAD*. Oviedo.
- Cunha, M. de F. P. C. da, Valentin, A. S., Lisboa, D. C. dos S., Monteiro, E. C. M., & Xander, P. (2009). Indisciplina e a noção de justiça em adolescentes escolares. *Educ. rev.* [online], 35, p. 197-210. Recuperado em 26 Mai, 2012, de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300015&lng=en&nrm=iso>.
- Dayrell, J. (Org.). (1996). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Eccheli, S. D. (2008). A motivação como prevenção da indisciplina. *Educ. rev.* [online], 32, 199-213. Recuperado em 13 Jan, 2012, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602008000200014>.
- Franco, D. E. S. P., Apolinário, F. A., & Pereira, V. F. (2009). Uma análise crítico-pedagógica sobre a concepção docente diante da indisciplina no âmbito escolar. *Pedagogia em ação*, 1 (2), 55-61.

Martins, J. B. (2003). A Atuação do Psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8 (2), 39-45.

Neves, L. N. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, 1 (3), 1-5.

Penna, M. G. O. (2010). Relações entre professores e alunos: algumas considerações sobre a indisciplina. *Educação Unisinos*, 14, 11-16.

Rego, T. C. R. (1996) A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In Aquino, J. R. G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas* (7 ed., pp. 83-101). São Paulo: Summus.

Rosenthal, R., & Jacobson, L. (1981) Profecias auto-realizadoras na sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da capacidade intelectual dos alunos. In Patto, M. H. de S. *Introdução à Psicologia escolar*. (pp. 258-295). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Santos, A. A. C., & Souza, M. P. R. (2005). Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar? *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (2), 291-302.

Souza, B. P. (Org.). (2007) *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, B. P. (1997). Professora desesperada procura psicóloga para classe indisciplinada. In Machado, A. M., & Souza, M. H. S. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tuleski, S. C., Eidt, N. M., Menechinni, A. N., Silva, E. F., Sponchiado, D., & Colchon P. D. (2005). Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. *Rev. Dep. Psicol., UFF, Niterói*, 17, 129-137. Recuperado em 05 Out, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100010&lng=pt&nrm=iso.

Vinha, T. P. (2009). Autoridade autoritária. *Nova Escola*, 226, 1-3.

Xavier, M. L. M. (Org.). (2002). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação.

Os autores:

Daniel Gonçalves Cury, Psicólogo, Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia.
e.mail: danielcuryufu@gmail.com

Alline Alves de Sousa, Psicóloga, Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia.

Silvia Maria Cintra da Silva, Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação pela UNICAMP, docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Liliane Ochoa de Castro, Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Educação Física
Rua Benjamin Constant, 1286 - Bairro Aparecida
Uberlândia - MG - CEP 38400-678

Endereço eletrônico:

danielcuryufu@gmail.com

ⁱ Agradecemos a participação na pesquisa de Andréia Camargo Vasconcelos, Fernanda Cunha Silva, Marisa Amorim Silva, Patrícia Duarte e Renata Yumi Okubo

ⁱⁱ Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.